

A ORALIDADE COMO PRÁTICA DE LINGUAGEM NA BNCC: VOZES QUE ECOAM NA LITERATURA DE CORDEL¹

Chrisllayne Farias da Silva²
Daniely Oliveira da Silva³

RESUMO

As práticas de linguagens presentes no cotidiano escolar e também em toda a sociedade tendem a privilegiar e valorizar a escrita como foco das práticas sociais, atitudes que influenciam na exclusão e/ou desvalorização das outras formas de manifestações das linguagens. Estamos, quase sempre envolvidos, em nossas práticas, em sociedades grafocêntricas, comandadas pela escrita, constantemente, tende a ser o foco das experiências vivenciadas no cotidiano escolar. Entretanto, torna-se necessário atentar para a voz, enquanto escrita primeira, faz parte da nossa vida desde o primeiro ato de existir. Quase sempre, em todas as manifestações da história da humanidade, as vozes ecoam e alcançam a todos. Dessa forma, este artigo se propõe como objetivo primeiro discutir a Oralidade enquanto prática de linguagem preconizada pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para o ensino das séries finais e ensino médio da educação básica brasileira. Para tal, lançamos mão, para esta pesquisa - de natureza bibliográfica- documental e exploratória - dos documentos parametrizadores de ensino, a partir deste documento legal, analisando a eficácia do alcance do eixo Oralidade na sala de aula. Ademais, com este trabalho, busca-se apresentar discussões acerca da importância de considerar a Oralidade e a performance como práticas situadas e efetivas de linguagem, a partir da Literatura de Cordel, enquanto prática híbrida de abordagem na sala de aula Língua Materna. Os resultados, ainda que preliminares, evidenciam que a abordagem teórico-metodológica acerca desta aplicabilidade pode contribuir de forma significativa no desenvolvimento de alunos-leitores proficientes e críticos, tendo em vista que há uma carência do tratamento de manifestações orais no espaço escolar. O uso do cordel em sala de aula pode responder plenamente às exigências - à luz das competências e habilidades preconizadas pela BNCC - de um ensino criativo e eficaz pelo seu caráter híbrido, fusão do texto escrito com as performances típicas da Oralidade.

Palavras-chave: Linguagem oral, Literatura de cordel, Prática de ensino.

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido acerca das contribuições e das competências e habilidades desenvolvidas a partir do ensino da língua materna por intermédio dos gêneros textuais que

¹Este trabalho é resultado das discussões teóricas realizadas no Grupo de Pesquisa de Estudos da Oralidade (GRUPEO/CNPq) vinculado ao departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/ Campus I e liderado pelo professor doutor Marcelo Vieira da Nóbrega

² Graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e integrante do Grupo de Pesquisa de Estudos da Oralidade (UEPB/CNPq). E-mail: chrisfariassilva@gmail.com.
<http://lattes.cnpq.br/0189627207881407>.

³ Graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e integrante do Grupo de Pesquisa de Estudos da Oralidade (UEPB/CNPq). E-mail: daniely231199@gmail.com.
<http://lattes.cnpq.br/3698152471492270>.

circundam na sociedade, tendo em vista que a língua se concretiza de fato a partir da relação entre as práticas sociais e o domínio que o falante possui acerca dos gêneros orais e escritos constituídos socialmente, assim como defendem Schneuwly e Dolz (2004), Marcuschi (2008) e Bezerra (2010), dentre outros autores(as).

Todas as práticas de linguagens exercidas no cotidiano escolar são permeadas pelos gêneros escritos e orais, desde uma conversa informal no intervalo da escola até a escrita da redação dissertativa-argumentativa do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Sendo assim, conforme defende Marcuschi, a língua não é um sistema abstrato e homogêneo, mas sim, “uma atividade interativa, social e mental que estrutura nosso conhecimento e permite que este seja estruturado” (MARCUSCHI, 2008, p. 65).

A partir dessa afirmativa, o conceito de língua defendida neste trabalho é de uma atividade que se encontra em constante funcionamento e que é influenciada pelos fatores históricos, sociais, culturais e políticos de uma sociedade. É, pois, um sistema heterogêneo e real, disposto ao uso semiótico do falante. Aspectos estes que devem ser aprimorados e abordados no ambiente escolar, considerando principalmente uma questão bastante lógica, entretanto faz-se esquecida em alguns momentos pelos currículos e sistemas escolares, o ensino da língua materna está sendo direcionado para estudantes nativos da Língua Portuguesa, como é o caso do nosso português brasileiro.

E com isso, tende a haver o privilégio pelo ensino dos gêneros escritos e a exclusão dos gêneros orais, ao considerar que estamos sempre envoltos de sociedades grafocêntricas, tendo como foco a escrita como centro nas práticas de linguagens e no nosso cotidiano. Ressalta-se, contudo, que a voz é a primeira instância de todas as ações do homem, desde as primeiras gerações, as manifestações linguísticas são realizadas por intermédio das práticas orais.

A partir da análise do eixo Oralidade nos documentos parametrizadores de ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), busca-se apresentar sugestões metodológicas com a abordagem da literatura de cordel como forma de trabalhar a oralidade, mas também enquanto dimensão estética e lúdica do gênero.

Nesse sentido, temos como objetivos específicos: (i) discutir acerca do paradigma do grafocentrismo, Discutir a inserção da prática de linguagem na sala de aula do EFII e Médio, à luz dos PCN's enquanto forma de quebra do tradicional modelo grafocêntrico, hegemônico imposto, (ii) apresentar a oralidade enquanto prática de linguagem a partir da perspectiva da BNCC (2018), iii) Propor o estudo do cordel em sala de aula, sob a perspectiva performático-oral e intersemiótica.

Esta pesquisa, de natureza bibliográfico-documental e exploratória, analisa os documentos parametrizadores de ensino, mais precisamente os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), além das concepções teóricas de Marcuschi (2008), Schneuwly e Dolz (2005), e Bezerra (2010), que discutem sobre o ensino de língua materna por intermédio dos gêneros textuais. Por sua vez, para as discussões acerca do ensino da oralidade, nos baseamos em Magalhães (2006), Freitas (*et.al*, 2016) e Brun (2017), além das contribuições de Ayala e Ayala (1998, 2006, XXX) no que se refere à cultura popular, Alves (2013, 2018), mais precisamente, a leitura literária de folhetos de cordel. Por fim, Zumthor (1997, 2014) contribui para a abordagem da poesia oral, bem como os atos performáticos da leitura.

Para fins de organização e orientação de leitura, este trabalho está estruturado da seguinte forma: na seção (1) apresentamos uma discussão sobre o paradigma do grafocentrismo e da importância de romper com esse padrão de ensino para contribuir com a prática da linguagem oral no ensino da língua materna, a partir do diálogo com contribuições teóricas no que diz respeito ao trato dos gêneros orais, além de como apresenta o documento norteador de ensino PCNs. Em seguida, no subtópico (1.1) buscamos apresentar a oralidade enquanto prática de linguagem conforme apresenta a BNCC, a partir de breves reflexões sobre o eixo Oralidade no documento, assim como uma análise da apresentação do cordel e da necessidade de contemplá-lo na sala de aula. Já no tópico (2), abordamos as perspectivas e particularidades da Literatura de Cordel, a qual denota um aspecto híbrido ao associar a escrita com a oralidade, pois os versos dos textos que são escritos em folhetos ganham uma voz poética através da performance. Ademais, no subtópico (2.1), refletiremos sobre a relevância de dar protagonismo aos gêneros orais, especificamente o Cordel, que carrega consigo características genuinamente nordestinas, a partir das temáticas, as quais propiciam a linguagem oral diante do uso efetivo da língua, vinculando com o contexto situacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1 A quebra do paradigma vigente do grafocentrismo enquanto estratégia de ensino

O paradigma vigente do grafocentrismo a que se refere este trabalho diz respeito ao privilégio da escrita como centro de quase todas as manifestações de linguagens exercidas na sociedade, ao considerar que as práticas sociais estão sempre permeadas pelos gêneros orais, essencialmente nas sociedades contemporâneas. Este paradigma se faz bastante presente no espaço escolar, quando há o privilégio da linguagem escrita em detrimento da linguagem

falada, pois conforme apresenta Marcuschi e Dionísio (2007), a escrita recebe um maior prestígio social, aspecto este que pode estigmatizar outros falares, principalmente aqueles que são realizados por grupos que dependem somente da oralidade para se comunicar. Acerca deste aspecto, Schneuwly e Dolz (2004) também apresentam que:

Por razões socioculturais historicamente recuperáveis, as produções orais foram julgadas, no mais das vezes, na medida das normas (de excelência) da escrita padronizada. **Esse ponto de vista é um verdadeiro obstáculo à compreensão, em toda sua complexidade, do que seja falar. Logo, obscurece também o que devemos esperar em termos de linguagem oral.** (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p.133, grifo nosso).

Ou seja, pelo que é possível notar há uma certa confusão de análise da linguagem oral a partir das especificações da linguagem escrita, confundido-as a ponto de esperar que os falares sejam fiéis às normas da escrita padronizada, o que pode ser considerado como um grande risco ao ensino da oralidade, que contribui cada vez mais para o desenvolvimento de sujeitos reprodutores da estigmatização e preconceitos.

Sobre isso, Marcuschi e Dionísio (2007) defendem ainda que há uma necessidade de observar a fala e a escrita de forma articulada, por intermédio da observação entre as duas formas, entretanto, a partir de categorias específicas de cada modalidade. Contudo, essa é uma discussão pouco ausente no espaço escolar e na formação docente, tendo em vista essa ausência de tratamento, os autores discutem que “em geral, a visão da oralidade nos manuais escolares é muito superficial e pouco explícita. Não raro é também equivocada e confunde a análise da oralidade com algumas atividades da oralização da escrita” (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 29).

Com isso, é possível notar que há uma certa dificuldade em tratar a linguagem falada/oral a partir de especificações próprias, considerando-se que esta aparece quase sempre dependente da linguagem escrita, uma das maiores confusões sobre esses aspectos, aponta Marcuschi (2008), que “não há equívoco mais inconveniente do que tratar a escrita como mera transposição da fala para o papel na forma gráfica. A escrita não é a representação da fala” (MARCUSCHI, 2008, p. 208). Nota-se, então, que a dificuldade em lidar com metodologias no que se refere ao tratamento da linguagem oral no espaço escolar é bastante presente.

Percebe-se também que isso se deve ao fato de considerar o falante nativo como um alguém que já domina todas as práticas de linguagens orais, que pode conduzir a uma problemática crescente, haja vista que os gêneros orais são vastos e nem todos são dominados

pelos alunos, sendo necessário trazer a discussão à tona, realizar o que Magalhães (2006) nomeia como uma ‘real educação linguística’, “é necessário que os professores desenvolvam algumas atividades que proporcionem um estudo efetivo das manifestações orais da linguagem” (MAGALHÃES, 2006, p. 78). Ressalta-se ainda que este estudo demanda uma sistematização para abordagem de estruturas mais complexas, no que diz respeito à oralidade, que só pode ser aprendida no ambiente escolar.

Sendo assim, é importante ressaltar que o ensino da oralidade é uma pauta discutida ao longo dos anos, trazida desde a virada da linguística em que rompe com a dicotomia instaurada por Saussure acerca da língua e fala, em que a fala foi excluída de seu campo de estudo embora essa dicotomia e exclusão ainda se fazem presentes, principalmente no espaço escolar. Mesmo que ao longo dos anos, os documentos parametrizadores de ensino, como os PCNs discutem a necessidade dos textos orais em sala de aula:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas (exposição, relatório de experiência, entrevista, debate etc.) e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (debate, teatro, palestra, entrevista etc.) (BRASIL, 1997).

O documento parametrizador da educação propõe, portanto, que a língua oral deve ser abordada a partir de gêneros tanto da vida pública quanto no que se refere ao espaço escolar, havendo uma constante reflexão acerca da análise linguística. Ressaltando, principalmente, que o trabalho com a língua oral deve ser realizado com um planejamento pedagógico, elencando competências necessárias para o ouvir e falar. Em contrapartida, apesar deste ensino se encontrar sustentado pelos documentos norteadores, os sistemas de ensino grafocêntricos tendem a contribuir para o silenciamento de alunos, impossibilitando que os seus falares ecoem e que os seus discursos sejam evidenciados na escola, enquanto espaço - que deveria ser - propício para isso.

1.1 A força da voz na sala de aula e a sua importância para o ensino de LM: a oralidade enquanto prática de linguagem a partir da BNCC .

O atual documento norteador de ensino, a BNCC, busca trazer algumas reflexões já preconizadas nos PCNs a respeito da linguagem oral, entretanto trazendo o eixo Oralidade como uma prática de linguagem, a partir das abordagens com diversos gêneros orais com um

ponto inovador que é referente aos textos orais presentes no meio tecnológico. Além disso, o documento destina-se a alcançar cada vez mais a realidade do discente, elencando habilidades e competências que devem ser alcançadas ao longo do ensino. Sobre o eixo Oralidade:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, *webconferência*, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, *vlog de game*, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. (BRASIL, 2018, p. 77)

É possível notar que a BNCC amplia o eixo da Oralidade para diversas práticas de linguagem que vão desde as tradições orais como a contação de histórias, cantigas, etc., até o uso da linguagem no espaço digital, além disso o documento apresenta habilidades que estão relacionadas especificamente com a modalidade oral da língua. Um aspecto bastante presente durante todo o documento é o tratamento da linguagem em situações reais de uso, em que o aluno não se vê apenas como observador de uma prática de linguagem expositiva na sala de aula, mas há a ênfase no aluno enquanto protagonista dessa prática.

Entretanto, Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018) atenta para o fato que as atividades referentes à oralidade precisam possuir utilidade na vida cotidiana do aluno, indo além de uma avaliação somente para ter a nota, tendo em vista que a escola enquanto espaço de aprimorar e desenvolver competências referentes a ouvir e falar, devem contribuir para que as atividades sejam significativas para a vida para além dos muros escolares. São várias as pesquisas no meio acadêmico que demonstram a necessidade de tornar as práticas de linguagens concretas, promovendo ao aluno o uso e reflexão dos gêneros orais.

Além disso, buscamos trazer as análises e contribuições de Brun (2018) acerca da BNCC no ensino de língua materna no EM, a autora ressalta que a estruturação do documento, no que se refere ao ensino da linguagem oral, há a ausência de critérios para a organização dos objetivos esperados nas práticas sociais, além disso, há o foco no ensino de gêneros referentes a uma única esfera, em exclusão de outros e também a partir da análise, foi notado que há uma certa artificialidade nas práticas sociais que são indicadas pelo documento.

Esta análise de Brun é confirmada quando se realiza uma análise acerca da abordagem da literatura de cordel, em que constatada tanto nos PCNs (1998) quanto na BNCC (2018)

uma abordagem insuficiente do gênero, em que o mesmo aparece somente nos anos iniciais do ensino fundamental, com foco em contação de histórias de maneira vaga, e também no que se refere à produção e experiência estética do gênero. Entretanto, nota-se que há um desenvolvimento maior para o tratamento de outros gêneros, enquanto a literatura de cordel aparece apenas como gênero oral, e não como gênero híbrido, conforme iremos apresentar na próxima seção deste trabalho, além disso o documento apresenta uma abordagem rápida e pouco eficiente a respeito do gênero.

Esse aspecto perpetua desde os PCNs e contribui para que o gênero esteja pouco presente na sala de aula, conforme válida Magalhães (2006) ao realizar uma entrevista com docentes para analisar como é trabalhado a linguagem oral e como o conceito de oralidade é visto em sala de aula, a partir disso a autora nota que é uma atividade não contemplada e que “são raras as observações sobre regionalismo e quase não se encontram indicações da literatura de cordel ou a poesia popular e que se escreve imitando a fala, tal como fazem Patativa do Assaré, Zé Praxédi e Ascenso Ferreira, entre muitos outros” (MAGALHÃES, 2006, p.78).

Além disso, nota-se a necessidade de uma melhor esclarecimento e compreensão acerca da relação entre fala e escrita, assim como o desenvolvimento de atividades e práticas de linguagens que possam contemplar os mais diversificados gêneros orais. Tendo em vista que conforme aponta Magalhães (2006), nos dados analisados não houve nenhuma presença de gêneros como o próprio cordel, e apenas uma presença de análise da língua falada.

2 A performance oral da literatura de cordel enquanto gênero híbrido

Historicamente, a Literatura de Cordel chegou ao Brasil por intermédio e com particularidades dos povos portugueses, as quais refletem no contexto medieval e nas cantigas do Trovadorismo, no período da colonização. Mas no decorrer dos anos esta arte ganhou um caráter mais brasileiro, a partir da predominância na região Nordeste e das temáticas retratadas nos textos e dos elementos estilísticos que compõem os folhetos. Ademais, por volta de meados do século XX a Literatura de Cordel apresentava outras designações, como: folhetos, folhetos de feira, romance e até romance.

Diante desses aspectos, a Literatura de Cordel corresponde a um elemento artístico-cultural da região Nordeste, do Brasil, a qual as produções literárias são tradicionalmente comercializadas em feiras livres e em eventos cujo teor é cultural, que são expostas e penduradas em barbantes para serem vendidas. Além disso, os folhetos de Cordel

abordam textos com temáticas tipicamente nordestinas, retratando a vida e os costumes dos povos dessa terra, pois “O sistema literário reconhecido como Literatura de Folhetos ou Literatura de Cordel, desde os seus momentos de formação, conserva muitos traços das práticas culturais tradicionais, em termos de experiências vivenciadas repassadas a ouvintes.” (AYALA, 2016, p. 14).

Assim, muitas das histórias dos folhetos que temos conhecimento hoje foram passadas de geração em geração através da fala, ou seja, da oralidade. A forma de expressar-se oralmente foi a maneira eficaz que as sociedades ágrafas se utilizaram para dar continuidade às tradições e histórias sobre os grandes feitos desses artistas. Desse modo, a propagação da Literatura de Cordel está relacionada com as histórias contadas pelos poetas e cantadores que através da oralidade transmitiam fatos e acontecimentos da sociedade pelos lugares que passavam, já que:

Por longo tempo estes escritos, impressos em pequenas brochuras, com dimensões aproximadas a um quarto de papel tamanho officio, foram publicados em diferentes gráficas e tipografias nordestinas. Inicialmente, em tipografias de jornais e gráficas, aparecendo, depois, tipografias, cujos proprietários escreviam e publicavam seus livros e de outros poetas, além dos trabalhos frequentes das gráficas (AYALA, 2016, p. 13)

Pensando nessa perspectiva, é plausível ressaltar que o Cordel, como um gênero híbrido que funde o oral (voz) com o escrito: é a voz cristalizada no folheto: ou, dito de outra forma, é a escrita silenciando uma voz, nascida no meio do povo, reflete a contação de histórias tanto por pessoas letradas quanto pelas não-letradas que decoravam versos, dando-lhes a voz, a partir da declamação, objetivando informar, mas também entreter os receptores e/ou ouvintes. Além disso, por designar de um teor híbrido, a Literatura de Cordel incorpora a oralidade - a voz poética - e a escrita. Desse modo, os textos escritos encontram-se em versos e perpassam da grafia para a oralidade. Assim, nota-se que:

Este caráter **híbrido** de sério-cômico das épicas dos folhetos de cordel é que vai ter longa duração na memória popular, presente nos clássicos desta literatura, que pouco descreve ambientes, mas narra muitas ações, mais próximas da realidade ou da ficção, da fantasia. Os poemas narrativos passaram a ser lidos por diferentes públicos, tanto leitores individuais, quanto aqueles que recorriam à leitura socializada, isto é, quando **as narrativas em verso ganhavam voz, através de algum leitor alfabetizado, que lia os poemas, em voz alta, dizendo ou cantando os versos para os ouvintes** (AYALA, 2016, p. 13. grifo nosso).

Diante do âmbito educacional, as propostas da BNCC para ensino de Língua Portuguesa propicia metodologias de aulas pautadas em textos que decorrem efetivamente no uso concreto da língua, a qual perpassa o âmbito escolar, visando os locais de vivência e experiências dos aprendizes, nesse caso o Cordel. Assim que:

O leitor, no contexto escolar, é o aluno que precisa ser conhecido e valorizado em suas vivências de mundo e no modo como projeta estas vivências nas leituras que realiza. O trabalho com o texto literário, nesta perspectiva, não visa levar uma interpretação pronta para ser “alcançada” pelo aluno-leitor. Antes, busca pôr em confronto diferentes modos de ler – e defender essas leituras – na comunidade particular de leitores que é a sala de aula e, num sentido mais amplo, a escola (PINHEIRO, 2016, p. 147).

2.1 O protagonismo dos gêneros da tradição oral, com ênfase no cordel

Segundo Raymundi (2015), dar protagonismo aos gêneros orais nas aulas de Língua Materna corresponde a práticas de ensino que perpassam o viés educacional. Pois ao trabalhar com metodologias que enfatizam o ensino da oralidade na sala de aula, reflete em contextos relacionados ao uso da linguagem oral em circunstâncias das atividades sociais. Desse modo, a formação discente precisa ser pautada no desenvolvimento crítico e autônomo dos aprendizes para que possam se posicionar socialmente a partir de discursos adequados para o contexto que estão inseridos.

Para tal, Zumthor (1997) aborda que diante de uma sociedade em que a oralidade sobressai acerca dos meios de comunicação humana, pode-se apontar que a poesia quando é transmitida via oral denota um teor mais profundo com uma complexa elaboração para transmitir enunciados em comparação aos textos escritos. Desse modo, considera-se que é perante a poética da voz que a performance perpassa o viés grafocêntrico, haja vista a presença da sonoridade e da melodia. Com isso, o autor ressalta que:

Em um universo de oralidade, o homem, diretamente ligado aos ciclos naturais, interioriza, sem conceituá-la, sua experiência da história; ele concebe o tempo segundo esquemas circulares, e o espaço (a despeito de seu enraizamento), como a dimensão de um nomadismo; as normas coletivas regem imperiosamente os seus comportamentos. Em compensação, o uso da escrita implica uma disjunção entre o pensamento e a ação, um nominalismo natural ligado ao enfraquecimento da linguagem como tal, a predominância de uma concepção linear do tempo e cumulativa do espaço, o individualismo, o racionalismo, a burocracia (ZUMTHOR, 1997, p. 36).

Nesse sentido, para que a performance poética seja realizada satisfatoriamente é preciso que o intérprete, ou seja, “o indivíduo de que se percebe, na performance, a voz e o

gesto, pelo ouvido e pela vista” (ZUMTHOR, 1997, p. 225), que este seja capaz de provocar no outro, o receptor, uma interpretação mais profunda e que traga uma maior conexão com o poema que foi performatizado para validar, de fato, a performance poética oral, através de gestos e timbres vocais que diferem do simples ato de informar ou estabelecer uma comunicação corriqueira que acontece numa conversa da rotina normal do indivíduo.

Utilizando-se de movimentos corporais, o intérprete exerce uma das formas da performance, como afirma Zumthor (1997): “os movimentos do corpo são assim integrados a uma poética. Empiricamente constata -se [...] a admirável permanência da associação entre o gesto e o enunciado: um modelo gestual faz parte da "competência" do intérprete” (ZUMTHOR, 1997, p. 203), assim “a poesia é então o que é recebido” (ZUMTHOR, 1997, p. 241).

Ao considerarmos que a tradição oral e a performance poética designam de um movimento que perpassa uma transmissão de mensagem, pois abarca toda a história do interlocutor que está performando e transmitindo aos receptores, pode-se estabelecer um teor mais íntimo e sentimental à declamação. Com isso, a postura do corpo, juntamente com a sonoridade da voz contemplarão o estado equivalente aos momentos e as raízes que o interlocutor carrega consigo, assim, “a performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento” (ZUMTHOR, 2014, p. 32). Com isso, pode-se estabelecer uma conexão entre o ouvinte e o emissor diante da performance poética.

Diante disso, com o objetivo de dar o merecido protagonismo aos gêneros orais, de modo específico o Cordel, nas aulas de Língua Materna, a “reciprocidade das relações que, na performance, se estabelecem entre o intérprete, o texto e o ouvinte.” (ZUMTHOR, 1997, p. 243). Assim, o Cordel corresponde a um gênero de caráter lúdico e híbrido, o qual dispõe de informações que denotam uma concepção sócio-político-cultural. Desse modo, a performance oral desses escritos resulta na interação emissor-receptor acerca das questões que perpetuam as experiências de vida de ambos.

Considerações finais

Esta pesquisa surgiu diante da necessidade de pensarmos sobre o ensino de Língua Materna, especificamente no eixo da oralidade pela perspectiva das performances poéticas através da Literatura de Cordel. Desse modo, buscamos refletir sobre a relevância da tradição oral no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, que os aspectos poéticos da voz mediante as performances a partir de performance dos escritos de cordel.

Em conformidade com o que foi abordado neste trabalho, a Literatura de Cordel encontra-se intrinsecamente ligada à oralidade, caracterizando-se pelo uso concreto e efetivo da linguagem diante do cenário contextual que regem a região Nordeste, mas que se fazem presente nos escritos poéticos - os folhetos - , os quais apresentam particularidades culturais locais.

Ademais, no que concerne às práticas e os direcionamentos de ensino de Língua Portuguesa propostos pelos documentos oficiais e parametrizadores - BNCC e PCNs -, é plausível ressaltar a importância do ensino de oralidade, o qual proporciona ao docente o desenvolvimento de metodologias e atividades para inserir a performance oral, para trabalhar com a Literatura de Cordel, haja vista a contribuição para enfatizar o protagonismo deste gênero oral na sala de aula, a partir da essência poética, e também corporal, a qual inclui corpo e gestos.

Portanto, pode-se considerar que a Literatura de Cordel é um fenômeno cultural que retrata os elementos hodiernos do cotidiano dos aprendizes, mas também possibilita o exercício da performance pelos alunos, visando o ensino e a prática da oralidade. Além disso, permite a valorização da leitura mediante o uso efetivo da língua, tal como os documentos viabilizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu diante da necessidade de pensarmos sobre o ensino de Língua Materna, especificamente no eixo da oralidade pela perspectiva das performances poéticas através da Literatura de Cordel. Desse modo, buscamos refletir sobre a relevância da tradição oral no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, que os aspectos poéticos da voz mediante as performances a partir de performance dos escritos de cordel.

Em conformidade com o que foi abordado neste trabalho, a Literatura de Cordel encontra-se intrinsecamente ligada à oralidade, caracterizando-se pelo uso concreto e efetivo da linguagem diante do cenário contextual que regem a região Nordeste, mas que se fazem presente nos escritos poéticos - os folhetos - , os quais apresentam particularidades culturais locais.

Ademais, no que concerne às práticas e os direcionamentos de ensino de Língua Portuguesa propostos pelos documentos oficiais e parametrizadores - BNCC e PCNs -, é plausível ressaltar a importância do ensino de oralidade, o qual proporciona ao docente o

desenvolvimento de metodologias e atividades para inserir a performance oral, para trabalhar com a Literatura de Cordel, haja vista a contribuição para enfatizar o protagonismo deste gênero oral na sala de aula, a partir da essência poética, e também corporal, a qual inclui corpo e gestos.

Portanto, pode-se considerar que a Literatura de Cordel é um fenômeno cultural que retrata os elementos hodiernos do cotidiano dos aprendizes, mas também possibilita o exercício da performance pelos alunos, visando o ensino e a prática da oralidade. Além disso, permite a valorização da leitura mediante o uso efetivo da língua, tal como os documentos viabilizam.

REFERÊNCIAS

ALVES, J.H.P. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. *In*: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013, p.35-50.

AYALA, M. I. N.. Do manuscrito ao folheto de cordel: uma literatura escrita para ser oralizada. **Revista Leia Escola**, v. 16, n. 2, p. 12-46, 2016.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino

Fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>> Acesso em: 03 de abr. de 2022

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_s
ite.pdf. Acesso em: 03 abr. 2022.

BRUN, E. P. A oralidade no Ensino Médio: Uma análise da Base Nacional Comum Curricular. **Entretextos**, v. 17, n. 1, p. 231-264, 2017. Disponível em:

<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/27258> .Acesso em 07 abr. 2022.

CARVALHO, R. S.; FERRAREZI JR, C. **Oralidade na educação básica**: o que saber, como ensinar. São Paulo: Parábola, 2018.

DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análises de texto e compreensão**. São Paulo:

Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, A.C; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MAGALHÃES, T. G. Oralidade na sala de aula: alguém “fala” sobre isso?. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 7, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18848>. Acesso em 04 abr. 2022.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

RAYMUNDI, P.C. **Uso de gêneros orais no ensino de língua materna de alunos do 7º ano: algumas reflexões**. 2015.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira, São Paulo: Hucitec, 1997. p.81-203.

ZUMTHOR, P. **Performance, Recepção, Leitura**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.